



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

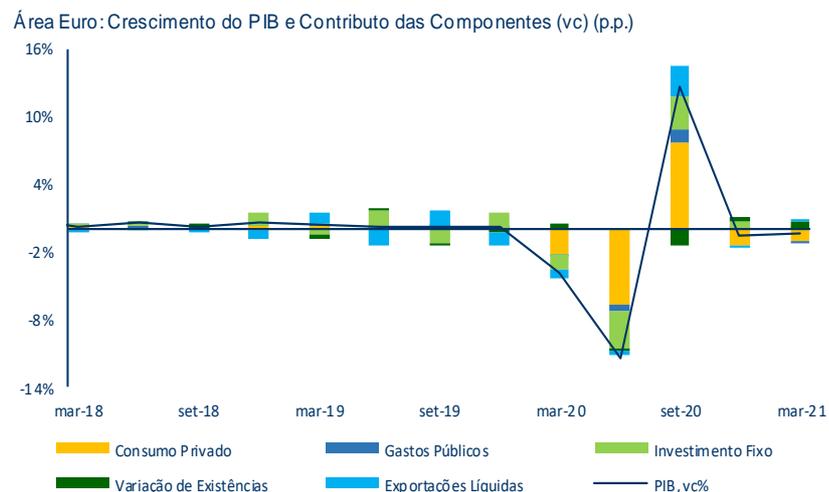
1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. O indicador trimestral do INE relativo ao **licenciamento de construções novas** aponta perspectivas positivas. No 1º trimestre de 2021 foram licenciados 6.5 mil edifícios, +7.0% em relação ao mesmo período do ano anterior (+1.0% no 4º trimestre de 2020). Comparativamente com o trimestre anterior, o número de edifícios licenciados aumentou 11.6% (-2.4% no 4ºT de 2020) e o número de edifícios concluídos aumentou 0.4% (+1.0% antes).

Área Euro. O *Eurostat* confirmou a contração de 0.3% do PIB da região durante o primeiro trimestre de 2021, em cadeia, após a queda de 0.6% no último trimestre de 2020. Divulgou ainda a composição do crescimento, a qual revelou:

- o consumo privado (-2.3%) registou o quinto trimestre consecutivo de contração;
- o investimento fixo cresceu pelo terceiro trimestre, embora marginalmente (0.2%);
- ao nível das *exportações líquidas*, o contributo foi praticamente nulo pelo segundo trimestre consecutivo.



Fonte: Eurostat

Área Euro. Após dois trimestres consecutivos de crescimento (1.0% no terceiro trimestre e 0.4% no quarto trimestre de 2021, variações em cadeia), o **Emprego** registou um decréscimo de 0.3% nos primeiros três meses do ano. Em termos homólogos, a respetiva variação passou de -2.1% para -1.8%. O nível do emprego fixou-se em 157.6 milhões na Área Euro, o que significa que desde o último trimestre de 2019, imediatamente antes da pandemia e quando foi atingido o máximo de sempre, existem menos 2.1% empregos, ou cerca de 3.7 milhões.

EUA. Em maio, o **crescimento do índice de preços no consumidor** voltou a superar as expectativas. O IPC registou um aumento mensal de 0.6%, após 0.8% em abril, o que em termos homólogos se traduziu num incremento de 4.2% para 5.0%, a leitura mais elevada desde setembro de 2008. Esta evolução deveu-se uma vez mais ao forte contributo das mesmas rubricas que em abril haviam surpreendido e que refletem, por um lado, problemas com restrições à oferta e, por outro, o aumento da procura associado à reabertura gradual da atividade. Em destaque estiveram (em cadeia): (i) o crescimento de 1.2% da linha respeitante ao *vestuário*, (ii) as *tarifas aéreas*, cujo incremento de 7.0% se seguiu a 10.2% em abril; (iii) os *transportes*, com a subcomponente dos *automóveis usados* de novo em destaque com um aumento de 7.3% após 10% - pelo segundo mês consecutivo esta

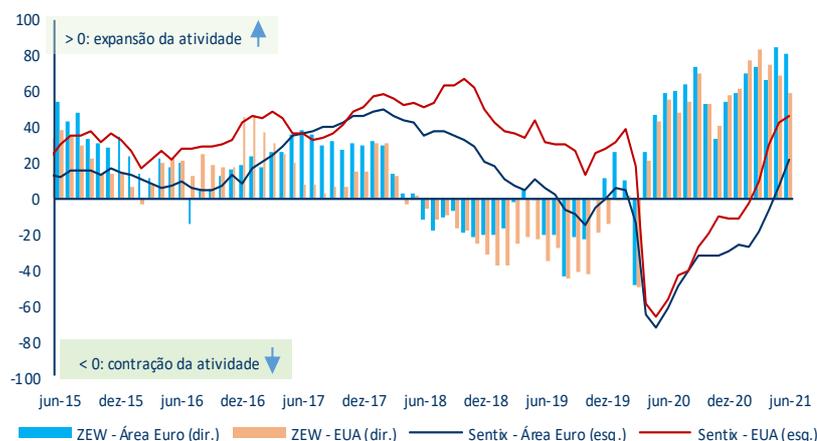
componente, com um peso de 3.0 p.p. no cabaz, explica cerca de um terço do aumento do índice total, e, desta feita com um aumento também de assinalar, embora menor, dos *automóveis novos* de 1.6% (o maior ganho desde setembro de 2009), e o (iv) *mobiliário doméstico*, cujo aumento mensal de 1.3% foi o maior desde janeiro de 1976. No índice total, estas quatro componentes têm um peso agregado de aproximadamente 13%. Destaque por fim para o aumento das *rendas* da habitação, cuja subida de 0.2%, embora modesta, é a mais significativa desde março de 2020. Em suma, a taxa de inflação continua a ser influenciada por incrementos transitórios, embora a recente aceleração das rendas possa vir a sustentar os valores mais elevados da inflação. Por fim, merece realce a rubrica relativa aos *combustíveis*, que registou um crescimento homólogo de 55.5%.

EUA. O indicador de **confiança dos consumidores divulgado pela U. of Michigan**, referente à primeira metade de junho, registou um melhoria de 3.5 pontos, para 86.4. Importa destacar a descida das expetativas de inflação: a 1 ano passou de 4.6% (valor médio) para 4.0%, enquanto a 5 anos diminuiu de 3.0% para 2.8%.

Sentix. Em junho, o **indicador respetivo à confiança económica dos gestores de carteira** atingiu um máximo (28.1) desde fevereiro de 2018, no caso da Área Euro. Nos EUA, o respetivo indicador permaneceu praticamente inalterado, o que constituiu a segunda leitura mais elevada de sempre.

ZEW. No caso da Área Euro, a componente *expetativas* do indicador divulgado pelo instituto ZEW diminuiu marginalmente, embora tenha permanecido acima dos 80 pontos. Merece destaque a componente relativa às *condições presentes*, que fixou-se no nível mais elevado desde março de 2020 (na Alemanha esta componente subiu para um máximo de dois anos).

Área Euro e EUA: Sentix e ZEW - Indicadores de confiança dos gestores de carteira



Fonte: Sentix, ZEW

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 11 de junho, às 16h00)

Nos mercados financeiros, a última semana ficou marcada pela expetativa quanto aos dados de inflação dos EUA e à reunião do Conselho de Governadores do BCE. Apesar dos receios, o otimismo dos investidores prevaleceu, em função das perspetivas que o aumento de inflação é temporário, permitindo que a Reserva Federal mantenha os estímulos monetários por um período prolongado, à semelhança do BCE.

Nos **mercados monetários**, dada a manutenção da política monetária por parte do BCE, com o objetivo de preservar condições financeiras muito acomodáticas, observaram-se descidas das taxas Euribor nos principais prazos de referência, com exceção do prazo a 1 mês, que aumentou 0.7 p.b., fixando-se em -0.551%. Nos restantes prazos, destacou-se a descida dos 6 meses em 0.8 p.b., para -0.521. Desta forma, observou-se uma ligeira descida na curva de futuros da Euribor a 3 meses, a qual antecipa agora valores negativos até ao terceiro trimestre de 2025, com a taxa de juro no vencimento de setembro/2025 a fixar-se em -0.04%.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** evidenciaram uma tendência de descida após o BCE ter alertado que a recente subida das taxas de juro da dívida soberana é indesejável. Para que as condições financeiras das empresas e famílias se mantenham acomodáticas, o ritmo de compras do PEPP permaneceu inalterado com um volume “*significativo*”. As taxas de juro a 10 anos dos países periféricos beneficiaram deste movimento, registando uma redução, como a *yield* de Itália (-12.6 p.p. para 0.75%) e de Portugal e Espanha (-9.3 p.b. para 0.35% em ambos). Na França e Alemanha, as taxas de juro desceram cerca de 5.5 p.b. para 0.10% e -0.27%, respetivamente. O prémio de risco de Portugal em relação à Alemanha estreitou 3.7 p.b., situando-se em 62.5 p.b.. Nos EUA, a tónica também foi de descida, apesar do aumento acima do esperado da inflação em maio. Atualmente, os investidores esperam que os estímulos monetários da Reserva Federal se mantenham, por um lado, porque consideram que o aumento da inflação é temporário, mensagem esta constantemente transmitida pelos responsáveis do próprio banco central, e por outro, porque a melhoria do mercado de trabalho continua a ser bastante modesta e aquém do objetivo da *Fed*. As taxas de juro das obrigações a 10 e 30 anos desceram pela quarta semana consecutiva, desta vez 9.1 b.p e 8.0 p.b., passando para 1.46% e 2.15%, respetivamente.

10 anos: Evolução das taxas de rendibilidade das obrigações soberanas - %

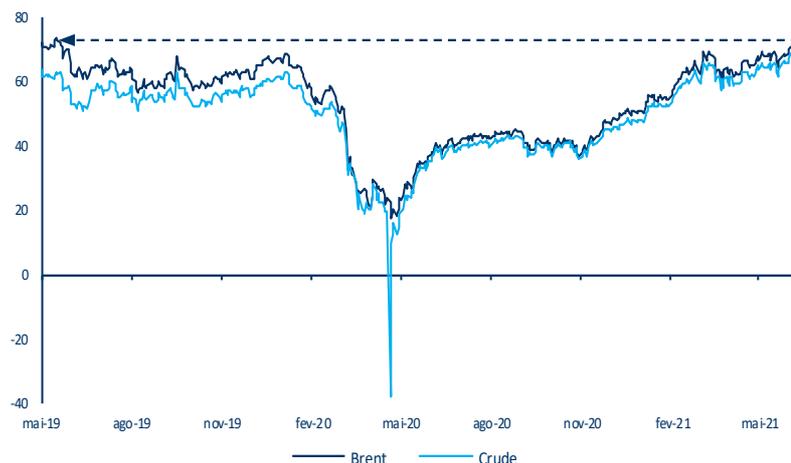


Nos **mercados acionistas** manteve-se a tendência de valorização, tanto pelo mencionado anteriormente, como pela expectativa de recuperação económica. Entre os índices acionistas dos EUA, salienta-se a subida do *S&P500* (0.6%), índice para um novo máximo histórico no final da semana. Destaca-se ainda os ganhos do *Russel2000* (2.1%) e do *NASDAQ* (2.0%). Na Europa, o *Eurostoxx600* subiu 1.1%, tendo atingido um novo máximo histórico na sexta-feira. Nos índices nacionais, realce para o *CAC* francês com 1.3% e o *IBEX* espanhol com 1.3%. O *PSI20* português e o *DAX* alemão permaneceram praticamente inalterados, embora o índice alemão tenha igualmente fechado a semana num máximo de sempre. A nível setorial, destaque para as valorizações do setor *saúde* (+4.3%), *lazer e viagens* (+2.5%) e *telecomunicações* (+2.3%). O setor com pior desempenho foi o das *químicas*, com uma quebra de 1.1%. Nos países emergentes, o *MSCI* perdeu 0.2%, com oscilações compreendidas entre o *Bovespa* brasileiro (-0.7%) e o *BIST* turco (+2.2%).

Nos **mercados cambiais**, o *dólar* registou um ganho de 0.2% em comparação com um cabaz de moedas dos principais parceiros comerciais, tendo apreciado 0.5% face ao euro, encerrando a semana em \$1.22. O *dólar* apreciou-se 0.5% e 0.2% face ao iene e à libra, fixando-se em ¥110.03 e \$1.41. Relativamente a moedas de países emergentes, o *dólar* apreciou-se face ao *rand* sul-africano (2.0%), mas depreciou-se em relação à lira turca (-3.7%).

Nas **matérias-primas**, a cotação do *brent* voltou a aumentar (1.7%) para \$72.4/bbl, o valor mais elevado desde maio de 2019, influenciada pelas perspetivas de maior procura a nível mundial.

Evolução da cotação do *brent* e *crude* (\$/bbl)



2. Temas da semana

2.1 Área Euro - Crescimento do PIB - 1.º trimestre de 2021

De acordo com o Eurostat, no primeiro trimestre de 2021 o PIB da Área Euro contraiu 0.3% em comparação com o quarto trimestre de 2020 (-0.6%), o que representa uma melhoria de 0.3 p.p. face à estimativa anterior. Em relação ao período homólogo, o PIB diminuiu 1.3% (-4.7% no trimestre anterior).

No final de 2020/início de 2021, as infeções e mortes na COVID-19 permaneceram em níveis elevados na Área Euro. Apesar dos esforços bem-sucedidos no que concerne à distribuição das vacinas, a pressão sobre os sistemas de saúde voltou a intensificar-se durante os primeiros meses do ano, o que obrigou muitos Estados-membros a manter e/ou reintroduzir medidas de contenção para reduzir a mobilidade e as interações pessoais. Embora variando consoante os países e ao longo do tempo, as restrições afetaram de forma significativa os setores relacionados com a hospitalidade, recreação e viagens internacionais.

As estatísticas do Valor Acrescentado Bruto (VAB) para a Área Euro confirmam a redução do peso no VAB do setor de *Vendas por grosso, a retalho, transportes, acomodação e serviços de alimentação* de 19.3% em dezembro de 2019 para 17.5% em março de 2021. No entanto, face ao segundo trimestre do ano anterior, o mais afetado pela crise, observou-se uma ligeira recuperação. Para além deste, a proporção no VSAB diminuiu nos setores de *Atividades científicas, tecnológicas, administrativas e de suporte* e *Artes, Entretenimento e outros serviços*. Todos os restantes aumentaram o seu peso relativo, com destaque para a *indústria excluindo a construção* (20.1% no primeiro trimestre).

Área Euro: Peso dos vários setores no Valor Acrescentado Bruto (%)



Através da ótica da oferta, o Valor Bruto Acrescentado registou uma variação nula no primeiro trimestre de 2021, após uma diminuição de 0.5% no trimestre anterior. Em termos homólogos, a queda foi de 1.2% (-4.7% no quarto trimestre de 2020).

A produção da Área Euro foi particularmente afetada nos setores mais sensíveis às medidas de confinamento e de restrição à mobilidade. Agregando estes setores, nomeadamente o retalho, restaurantes, hotéis, artes e lazer, correspondentes a cerca de 20.1% do VAB, a produção encontra-se ainda 15.1% abaixo do valor de referência pré-pandemia (quarto trimestre de 2019), o que representa uma deterioração face ao observado no último trimestre de 2020 (-13.8%). A produção dos restantes setores de atividade, menos sensíveis às restrições, que são responsáveis por 79.9% do VAB, encontra-se somente 1.6% aquém do nível no mesmo período, evidenciando a forte discrepância entre setores.

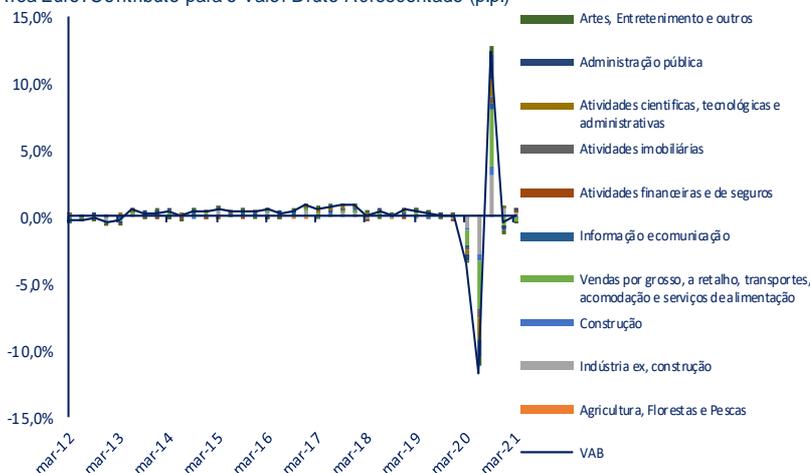
O setor das *vendas por grosso, a retalho, transportes, acomodação e serviços de alimentação* sofreu uma contração trimestral de 1.6%, gerando um contributo negativo de 1.5 p.p.. Outros ramos de atividade com contributos negativos foram os setores *agrícola, construção, atividades imobiliárias, e artes e entretenimento*. Em contrapartida, a *indústria, excluindo a construção*, registou uma variação positiva de 1.3%, originando um contributo de 0.3 p.p..

Área Euro: VAB: sensibilidade setorial aos lockdowns (dez.2019=100)



Fonte: Eurostat

Área Euro: Contributo para o Valor Bruto Acrescentado (p.p.)



Fonte: Eurostat

2.2 Portugal - Comércio Internacional - abril 2021

Segundo as estatísticas do comércio internacional, divulgadas pelo INE, as **exportações** e as **importações** de bens registaram variações homólogas nominais de 82.4% e 60.4% em abril, após 28.7% e 13.0% no mês anterior, respetivamente.

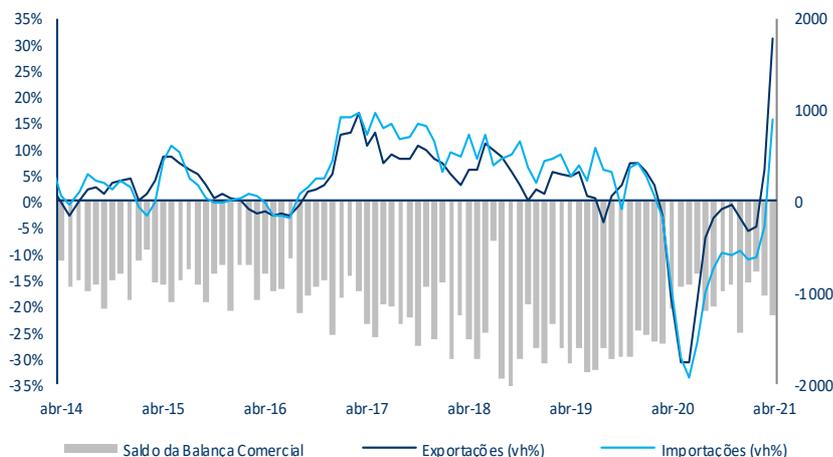
Estas variações bastantes expressivas incidem sobre o mês com o impacto mais forte da pandemia de COVID-19, com valores absolutos muito diminutos. Comparando com igual período de 2019, as variações foram de +7.0% e -2.6%.

No trimestre terminado em abril de 2021, as exportações e as importações de bens tiveram acréscimos homólogos de 31.0% e 15.8%, respetivamente.

O saldo da balança comercial atingiu um valor negativo de €1255 milhões, o que representa uma deterioração de €70 milhões face ao mesmo período de 2020.

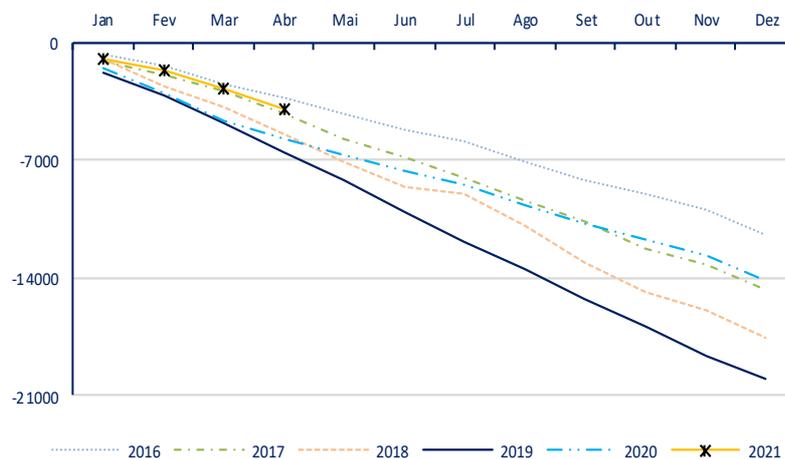
Nos primeiros quatro meses do ano, o défice foi de €3973 milhões, o que compara com os €5750 milhões de igual período do ano anterior.

Portugal: Crescimento das exportações e das importações (vh% mm3m)



Fonte: INE

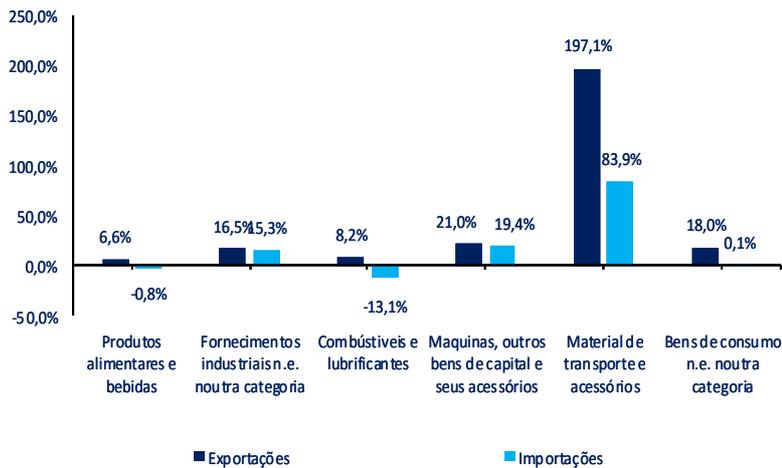
Portugal: Valores acumulados do saldo da balança comercial (milhões, €)



No período compreendido entre janeiro e abril de 2021, sobressai o forte aumento das exportações e importações de *material de transporte* com variações 197.1% e 83.9%, e de *máquinas e outros bens de capital* com variações de 21.0% e 19.4%, respetivamente.

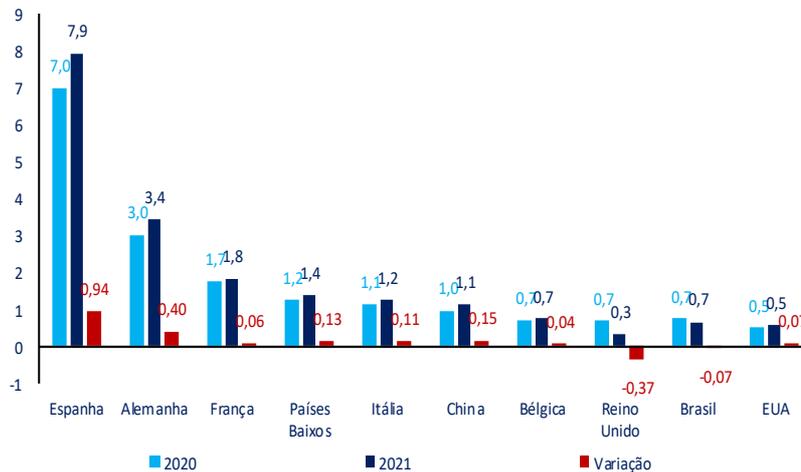
No que diz respeito às exportações, em comparação com o mesmo período de 2019 (não afetado pela pandemia), destaca-se os acréscimos das *máquinas e outros bens de capital* (13.1%), de *fornecimentos industriais* (3.3%) e de *produtos alimentares e bebidas* (9.1%). Apenas o *material de transporte* apresentou uma queda face a 2019 (-4.8%).

Portugal: Variações anuais das exportações e importações por categoria (janeiro a abril)

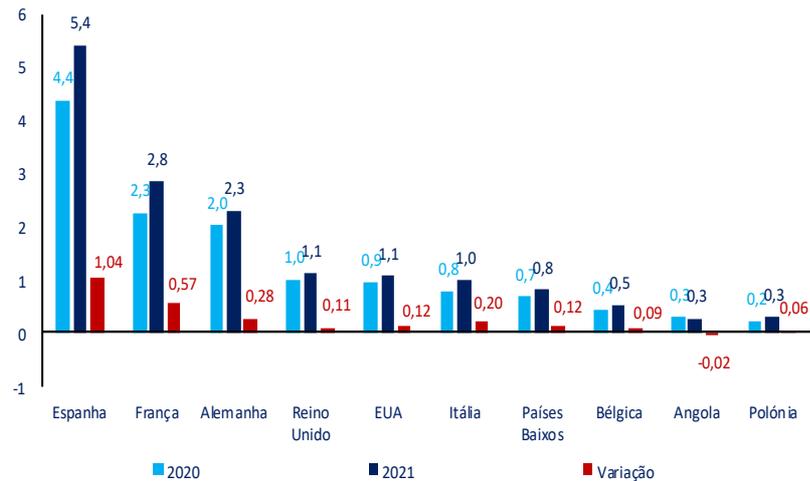


Em termos de importações, ainda no mesmo período em análise, face à pré-pandemia, merece realce a redução do *material de transporte* (-29.1%) e dos *combustíveis e lubrificantes* (-22.3%). As categorias com maiores aumentos neste período foram os *fornecimentos industriais* (+5.0%) e as *máquinas e outros bens de capital* (+4.5%). Nos primeiros quatro meses do ano, tendo em conta os principais parceiros comerciais em 2020, é de salientar o forte crescimento das exportações e importações para Espanha (+23.8% e +13.5%, respetivamente), especialmente na categoria de *fornecimentos industriais*. Em sentido contrário, destaca-se as quedas das exportações com destino a Angola, com -8.3%, e das importações provenientes do Reino Unido, com -55.7%.

Portugal: Principais países fornecedores (período de janeiro a abril, mil milhões de euros)



Portugal: Principais países clientes (período de janeiro a abril, mil milhões de euros)



2.3 Banco Mundial - “Global Economic Prospects”

De acordo com o Banco Mundial (BM), apesar da retoma económica em curso, o nível de atividade permanece inferior ao inscrito nas projeções pré-pandemia, dadas as recuperações mais lentas dos países emergentes. O processo de vacinação ajudou a limitar a propagação do vírus, embora a evolução seja muito desigual e concentrada sobretudo nas economias avançadas. Em comparação com ciclos anteriores, a fase atual é descrita pelo BM como “*forte, embora desigual e muito heterogéneo*”, refletindo principalmente a recuperação num número limitado de economias desenvolvidas. A pandemia e as limitações de vacinação em muitos mercados emergentes e economias em desenvolvimento (EMDEs) têm contribuído para revisões em baixa das previsões de crescimento, prevendo-se que o rendimento *per capita* na maioria destes países permaneça abaixo dos picos anteriores à crise durante um período prolongado.

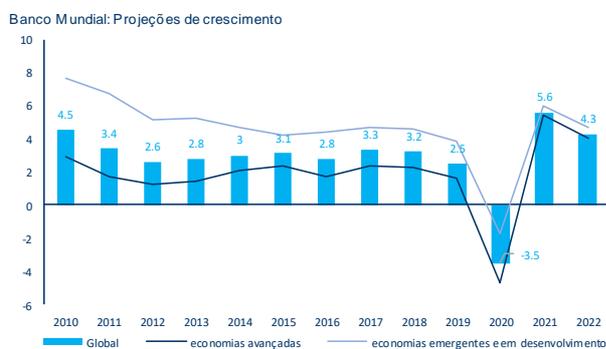
O BM destaca a recuperação do comércio global, impulsionado nos últimos meses por uma rotação da procura para bens de comércio intensivo. Este ímpeto tenderá a diminuir nos próximos meses à medida que a atividade no setor dos serviços ganhe dinâmica com a redução dos constrangimentos impostos pelo contexto sanitário. O comércio de bens deverá ser ainda restringido por limitações ao fornecimento de matérias-primas e pelo aumento dos custos de transportes.

Economias avançadas. Uma evolução mais favorável do que o esperado da vacinação tem fortalecido as perspetivas de crescimento em diversas economias avançadas, com as vendas a retalho, a produção industrial e a atividade na construção a ultrapassar os níveis pré-pandemia. O consumo de serviços permanece como o elo mais fraco. Apesar da recuperação, o BM chama a atenção para o facto de o emprego permanecer abaixo dos níveis pré-pandémicos e dos valores registados na recuperação após a crise financeira global. O BM espera que a eventual contenção da pandemia liberte a procura reprimida, possibilitando que as famílias gastem uma parte substancial das poupanças acumuladas durante o *lockdown*.

Economias emergentes e em desenvolvimento (EMDEs). O surgimento de novos casos de *COVID-19* continua a pesar no ritmo de recuperação de diversas EMDEs. O comércio de serviços permanece anémico também nestas regiões, enquanto o turismo internacional é condicionado por restrições de viagens. Nestas economias, o investimento direto estrangeiro continua a ser afetado pela pandemia, restringindo o investimento. Pela positiva há a destacar que a atividade tem beneficiado da melhora do comércio de bens e da manutenção das remessas de emigrantes, que estão a recuperar mais rapidamente do que após a crise financeira global.

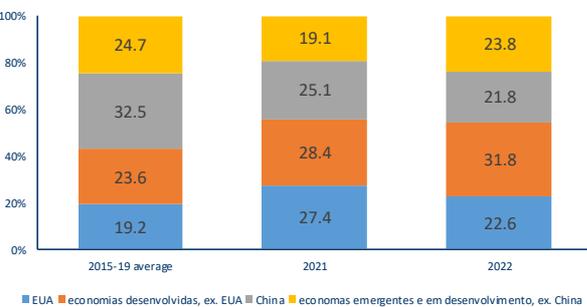
Em termos de perspetivas de longo prazo, a pandemia levará provavelmente a uma redução duradoura no nível de crescimento potencial quer nas EMDEs, quer em economias mais avançadas, e poderá travar o crescimento potencial na próxima década. O investimento permanecerá num nível inferior ao inscrito nas projeções pré-pandemia durante um período prolongado, dificultando o crescimento a longo prazo. Outro aspeto importante realçado pelo BM prende-se com a deterioração dos *skills* por parte das atuais gerações de estudantes, o que poderá contribuir para o aumento do desemprego de longa duração.

De acordo com o BM, a economia global deverá crescer 5.6% em 2021 e 4.3% em 2022. Face às projeções anteriores, os valores foram revistos em alta em 1.5 p.p. e 0.5 p.p.. No agregado, a melhoria das perspetivas resultou (i) da diminuição do impacto económico das ondas subsequentes de *COVID-19*, (ii) do ritmo de vacinação mais rápido em muitas economias avançadas, e (iii) do estímulo fiscal adicional nos EUA. A revisão das projeções de crescimento do PIB foi muito expressiva no caso norte-americano, em +3.3 p.p. para 2021 e +0.9 p.p. para 2022.



Fonte: Banco Mundial

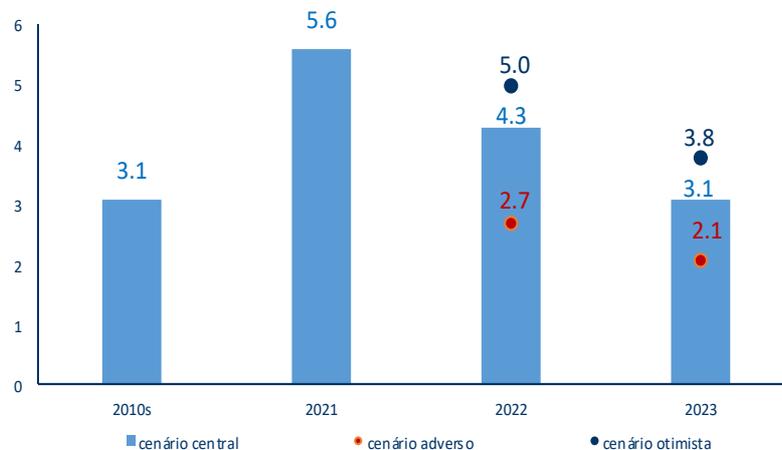
Banco Mundial: *Share* de crescimento mundial



Fonte: Banco Mundial

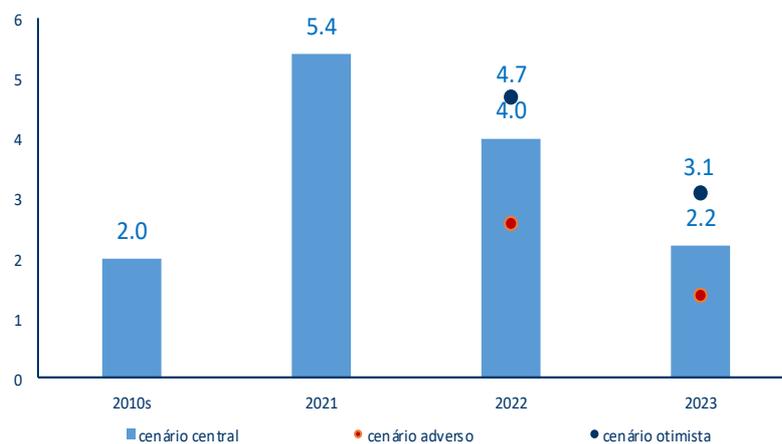
No caso da Área Euro, as projeções de crescimento foram aumentadas em 0.6 p.p. e 0.4 p.p., fixando-se em 4.2% e 4.4%, valores praticamente alinhados com as *Previsões da Primavera* de 2021 da Comissão Europeia (4.3% e 4.4%).

Economia Mundial: Projeções de crescimento: central, adverso e otimista



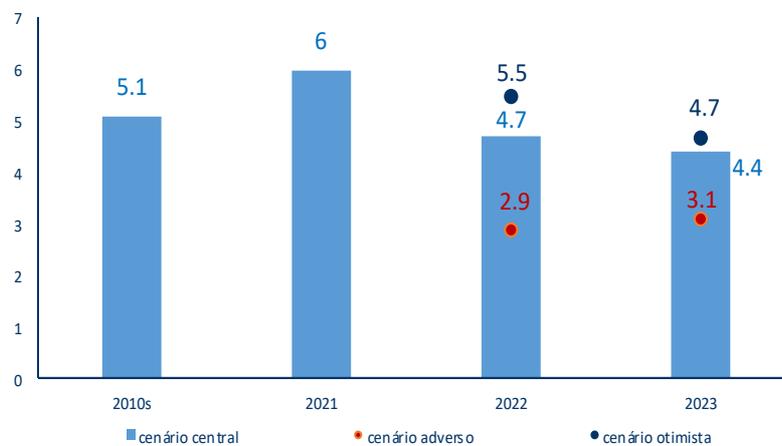
Fonte: Banco Mundial

Economias avançadas: Projeções de crescimento: central, adverso e otimista



Fonte: Banco Mundial

Economias emergentes e em desenvolv.: Projeções de crescimento: central, adverso e otimista



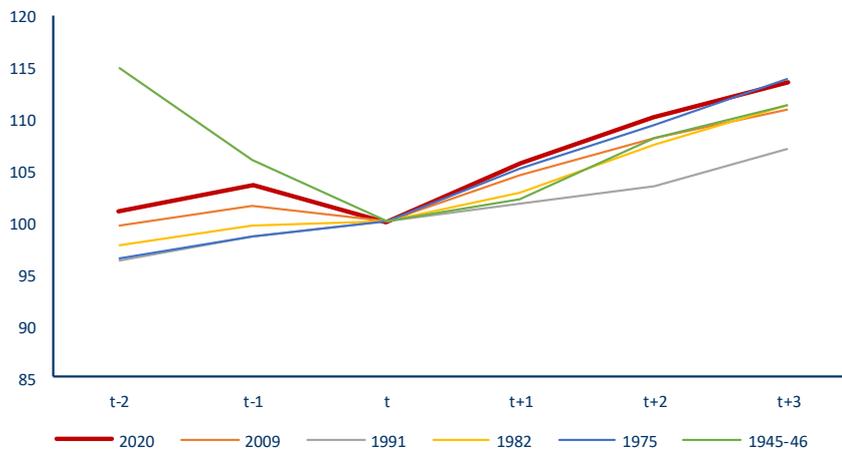
Fonte: Banco Mundial

A atual projeção central para o crescimento da economia global corresponde à recuperação pós-recessão mais forte em 80 anos. Esta dinâmica reflete uma recuperação excepcionalmente rápida nas

economias avançadas, em contraste com o pós-crise financeira. A recuperação deve ser muito heterogénea, em termos *per capita*, e espera-se que apenas 50% das economias excedam os picos pré-recessão de atividade em 2022 (dois anos após a recessão, neste caso a recessão de 2020). A diferença do perfil de recuperação será bastante acentuada quer nas economias avançadas, quer nas EMDEs.

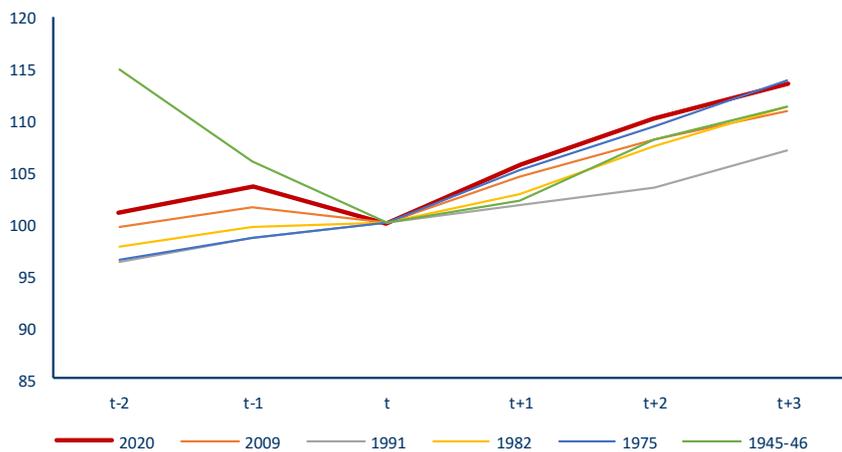
Para além da recuperação mais rápida do que em qualquer uma das cinco recessões globais das últimas oito décadas, a retoma deverá ser muito mais rápida do que após a crise de 2009 (dois primeiros gráficos). Com efeito, o crescimento das economias avançadas em 2021 deverá ser quase o dobro do observado em 2010 (terceiro gráfico). Em contraste, a recuperação nas EMDEs deve ser mais modesta, com um crescimento em 2021 muito mais lento do que em 2010.

Economia Global: PIB total - evolução após recessões



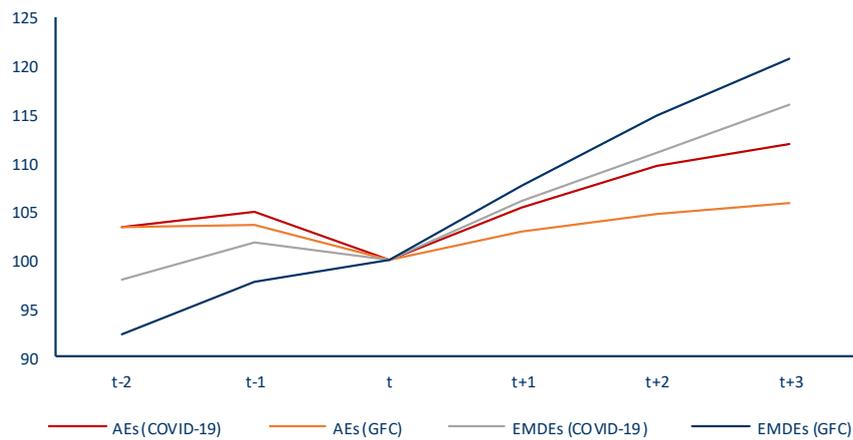
Fonte: Banco Mundial

Economia Global: PIB total - evolução após recessões



Fonte: Banco Mundial

Economias avançadas e emergentes: 2020 vs. 2009

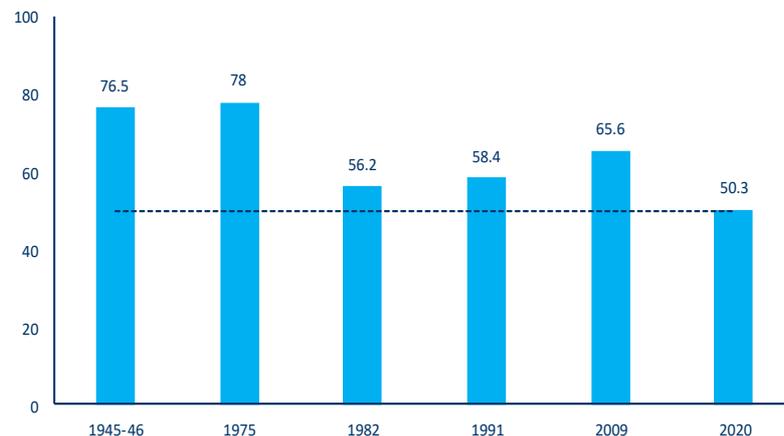


Fonte: Banco Mundial AE: econ. avançadas; EMDEs: econ. emergentes (Covid19: 2020, GFC: crise de 2009)

No entanto, apenas metade dos países deverão recuperar em 2022 os níveis de produto *per capita* registados antes da pandemia. Em contrapartida, dois anos após a recessão global de 2009 induzida pela crise financeira, dois terços dos países já tinham recuperado os níveis pré-recessão, em linha com a média após outras crises no século XX (primeiro gráfico).

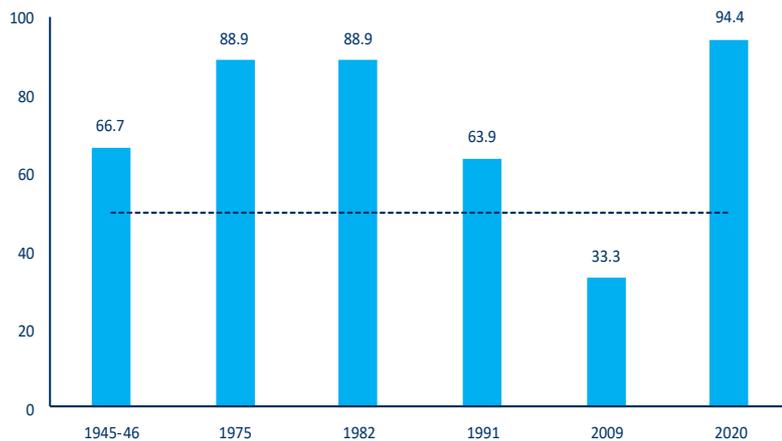
A fragilidade da recuperação concentra-se em EMDEs: mais de 90 por cento das economias avançadas deverá recuperar a atividade *per capita* pré-pandemia em 2022, em contraste com apenas um terço das EMDEs (dois últimos gráficos).

% de países cujo PIB per capita excede a leitura pre-ressão após dois anos



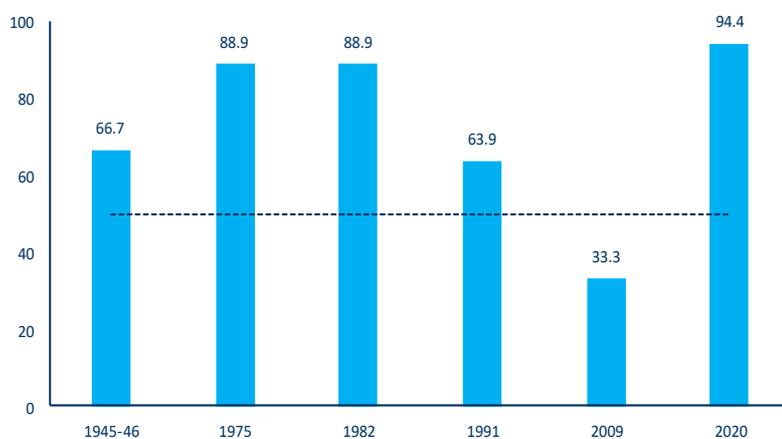
Fonte: Banco Mundial

% de países avançados cujo PIB per capita excede a leitura pre-ressão após dois anos



Fonte: Banco Mundial

% de países avançados cujo PIB per capita excede a leitura pre-ressão após dois anos



Fonte: Banco Mundial

As projeções de retoma global encontram-se sujeitas a um grau de incerteza considerável, especialmente dada a natureza volátil da pandemia. As notícias positivas relacionadas com o crescimento desde o final de 2020 sugerem que os riscos para os cenários se tornaram mais equilibrados. Ainda assim, os riscos em torno das projeções continuam enviesados no sentido negativo. Os principais riscos negativos identificados pelo BM correspondem: (i) ao aparecimento de novas variantes mais resistentes do vírus e (ii) ao aumento do *stress* nos mercados financeiros.

3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 11 de junho, às 16h00)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	31-mai-21	4-jun-21	11-jun-21	2021 YTD	Junho	Semana	
EURIBOR Act/360 dias								
1 mês	-0,554	-0,563	-0,558	-0,551	↑ 0,003	↑ 0,012	↑ 0,007	
3 Meses	-0,545	-0,544	-0,546	-0,548	↓ -0,003	↓ -0,004	↓ -0,002	
6 Meses	-0,526	-0,513	-0,513	-0,521	↑ 0,005	↓ -0,008	↓ -0,008	
12 Meses	-0,499	-0,483	-0,486	-0,489	↑ 0,010	↓ -0,006	↓ -0,003	
LIBOR USD Act/360 dias								
LIB 1 mês	0,144	0,086	0,081	0,073	↓ -0,071	↓ -0,013	↓ -0,009	
LIB 3 meses	0,238	0,131	0,128	0,119	↓ -0,119	↓ -0,012	↓ -0,009	
LIB 6 meses	0,258	0,171	0,165	0,148	↓ -0,109	↓ -0,023	↓ -0,017	
LIB 12 meses	0,342	0,248	0,246	0,239	↓ -0,103	↓ -0,009	↓ -0,007	

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):			
	31-dez-20	31-mai-21	4-jun-21	11-jun-21	2021 YTD	Junho	Semana	
Portugal	0,030	0,460	0,449	0,356	↑ 0,326	↓ -0,104	↓ -0,093	
Espanha	0,047	0,463	0,452	0,359	↑ 0,312	↓ -0,104	↓ -0,093	
Grécia	0,628	0,832	0,821	0,741	↑ 0,113	↓ -0,091	↓ -0,080	
Itália	0,543	0,909	0,873	0,747	↑ 0,204	↓ -0,162	↓ -0,126	
França	-0,338	0,170	0,154	0,100	↑ 0,438	↓ -0,070	↓ -0,054	
Alemanha	-0,569	-0,187	-0,213	-0,269	↑ 0,300	↓ -0,082	↓ -0,056	
Reino Unido	0,197	0,795	0,790	0,715	↑ 0,518	↓ -0,080	↓ -0,075	
Suíça	-0,550	-0,160	-0,141	-0,234	↑ 0,316	↓ -0,074	↓ -0,093	
EUA	0,913	1,594	1,553	1,462	↑ 0,549	↓ -0,132	↓ -0,091	
Japão	0,021	0,087	0,087	0,035	↑ 0,014	↓ -0,052	↓ -0,052	

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	31-mai-21	4-jun-21	11-jun-21	2021 YTD	Junho	Semana	
Eurostoxx 600	399	447	453	458	↑ 14,7%	↑ 2,5%	↑ 1,1%	
IBEX	8074	9149	9088	9207	↑ 14,0%	↑ 0,6%	↑ 1,3%	
CAC	5551	6447	6516	6606	↑ 19,0%	↑ 2,5%	↑ 1,4%	
DAX	13719	15421	15693	15692	↑ 14,4%	↑ 1,8%	↓ 0,0%	
FTSE	6461	7023	7069	7140	↑ 10,5%	↑ 1,7%	↑ 1,0%	
PSI20	4898	5180	5137	5143	↑ 5,0%	↓ -0,7%	↑ 0,1%	
S&P 500	3756	4204	4230	4237	↑ 12,8%	↑ 0,8%	↑ 0,2%	
Nasdaq	12888	13749	13814	14022	↑ 8,8%	↑ 2,0%	↑ 1,5%	
Topix	1805	1923	1959	1954	↑ 8,3%	↑ 1,6%	↓ -0,3%	
MSCI Emerg	1291	1376	1382	1379	↑ 6,8%	↑ 0,2%	↓ -0,2%	
Shanghai	3473	3615	3592	3590	↑ 3,4%	↓ -0,7%	↓ -0,1%	

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):			
	31-dez-20	31-mai-21	4-jun-21	11-jun-21	2021 YTD	Junho	Semana	
EUR/USD	1,2216	1,2227	1,2167	1,2110	↓ -0,9%	↓ -1,0%	↓ -0,5%	
EUR/JPY	126,18	133,97	133,21	132,91	↑ 5,3%	↓ -0,8%	↓ -0,2%	
EUR/GBP	0,8937	0,8604	0,8593	0,8575	↓ -4,1%	↓ -0,3%	↓ -0,2%	
EUR/CHF	1,0812	1,0991	1,0940	1,0884	↑ 0,7%	↓ -1,0%	↓ -0,5%	
EUR/AOA	795,17	794,78	790,85	786,99	↓ -1,0%	↓ -1,0%	↓ -0,5%	
EUR/MZN	91,50	74,53	74,87	75,39	↓ -17,6%	↑ 1,2%	↑ 0,7%	
Petróleo (Brent \$)	51,17	68,73	71,19	72,42	↑ 41,5%	↑ 5,4%	↑ 1,7%	
Ouro (\$)	1898,36	1906,87	1891,59	1883,82	↓ -0,8%	↓ -1,2%	↓ -0,4%	
Prata (\$)	26,40	28,03	27,79	28,19	↑ 6,8%	↑ 0,6%	↑ 1,4%	
Cobre (\$)	351,90	467,75	452,90	454,40	↑ 29,1%	↓ -2,9%	↑ 0,3%	
Soja (\$)	1315,25	1530,50	1583,75	1512,25	↑ 15,0%	↓ -1,2%	↓ -4,5%	
Milho (\$)	484,00	656,75	682,75	684,25	↑ 41,4%	↑ 4,2%	↑ 0,2%	

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.